

SINCRETISMO AFRO-BRASILEIRO EM *O COMPADRE DE OGUM*, DE JORGE AMADO

*Aline de Souza Colatino*¹

*Aline Santos de Brito Nascimento*²

*Samanta Teixeira Oliveira*³

RESUMO

Este estudo traz uma análise da obra amadiana *O Compadre de Ogum*, que se constitui num relato inicialmente publicado como parte do romance *Os Pastores da Noite* (1964), sob a ótica do sincretismo afro-brasileiro. Tem como objetivo geral analisar o texto ficcional buscando evidências do sincretismo religioso entre o candomblé e o catolicismo. Como objetivos específicos, buscou-se identificar traços da identidade afro-brasileira retratados na obra e avaliar fusão religiosa abordada no texto literário como uma forma de preservação da cultura negra. A pesquisa é de caráter qualitativo e de cunho bibliográfico. Os aspectos teórico-críticos são evidenciados a partir dos estudos de Bhabha (2001), acerca da cultura; de Castells (1999) sobre identidade; de Salah (2008), sobre o candomblé; de Nascimento (2017), a respeito do sincretismo em Jorge Amado; de Bernd (1988), no tocante à literatura negra; e de Jaeckel (2016), concernentes ao profano e religioso em Jorge Amado. Dentre os principais resultados encontrados, destacam-se o diálogo entre o candomblé e o catolicismo que a obra traz; a mestiçagem abordada no texto, que vai além de aspectos culturais e religiosos; o sincretismo como forma de resistência; a abordagem textual que rompe a lógica do protagonismo branco; bem como a temática afro no centro da discussão como forma de preservar a cultura negra.

Palavras-chave: religião; literatura; cultura; hibridismo.

¹ Graduanda em Letras Língua Portuguesa e Literaturas, UNEB, *Campus X*. Bolsista de Iniciação Científica do Programa Afirmativa. E-mail: colatino87@gmail.com.

² Doutora em Letras, UFES. Professora Adjunta, Colegiado de Letras, UNEB, *Campus X*. E-mail: alinemacuco@hotmail.com.

³ Graduanda em Letras Língua Portuguesa e Literaturas, UNEB, *Campus X*. Bolsista de Iniciação Científica do Programa Afirmativa. E-mail: samanta.oliveira5@hotmail.com.

ABSTRACT

This study presents an analysis of the Amadian work *O Compadre de Ogum*, which is an account initially published as part of the novel *Os Pastores da Noite* (1964), from the perspective of Afro-Brazilian syncretism. Its general objective is to analyze the fictional text looking for evidence of religious syncretism between Candomblé and Catholicism. As specific objectives, we sought to identify traces of Afro-Brazilian identity portrayed in the work and to evaluate the religious syncretism approached in the literary text as a way of preserving black culture. The research is of a qualitative and bibliographic nature. The theoretical-critical aspects are evidenced from the studies of Bhabha (2001), about culture; Castells (1999) on identity; Salah (2008) on candomblé; de Nascimento (2017) regarding syncretism in Jorge Amado; Bernd (1988) regarding black literature; and Jaecckel (2016) concerning the profane and religious in Jorge Amado. Among the main results found, we highlight the dialogue between candomblé and Catholicism that the work brings; the miscegenation addressed in the text, which goes beyond cultural and religious aspects; syncretism as a form of resistance; the textual approach that breaks the logic of white protagonism; as well as the afro theme at the center of the discussion as a way to preserve black culture.

Keywords: religion; literature; culture; hybridity.

1. Introdução

O presente artigo aborda questões relacionadas ao sincretismo religioso, especificamente, entre o candomblé, como uma religião de matriz africana, e o catolicismo, como uma religião trazida da Europa, a partir da produção literária de Jorge Amado, de forma a perceber e destacar a intenção do autor em preservar a cultura negra por meio da religião de matriz africana. Para isso, foi selecionado o romance amadiano *Os Pastores da Noite* (1964), porém a análise se deterá apenas ao trecho intitulado “O Compadre de Ogum”, – relato que posteriormente fora publicado como um livro e que também foi adaptado em formato de minissérie e filme – no qual o entrelaçamento entre o catolicismo e o candomblé torna-se o centro na narrativa.

A pesquisa busca analisar evidências do sincretismo religioso entre o candomblé e o catolicismo na obra “O Compadre de Ogum”, de Jorge Amado, a partir da identificação de traços da identidade afro-brasileira retratados na obra; além de avaliar o sincretismo religioso abordado no texto literário como uma forma de preservação da cultura negra. A pesquisa é de caráter qualitativo, pois os dados estão ligados ao campo da subjetividade, além disso, a pesquisa é de cunho bibliográfico, tendo como *corpus* a obra literária.

Religião, Língua e Literatura

Dentre outros aspectos, este trabalho traz aportes teóricos e críticos que colaboram para compreender fatores relacionados ao conceito de raça, classe, tradições culturais e hibridismo; tais conceitos estão ancorados nos pressupostos de Homi K. Bhabha (2001), para quem a cultura é uma forma de reunião de manifestações e características que fazem parte da construção identitária dos indivíduos, ou seja, a cultura é tida como algo híbrido. Assim, o ideal é que a sociedade seja pensada levando-se em conta o conceito de hibridismo, pois, quando isso não acontece, é gerada a exclusão, e classes e culturas dominadas são colocadas em posição de marginalidade, como afirma Bhabha (2001):

[...] toda a problemática identitária e as quase obrigatórias exclusões que dela decorrem, precisam ser repensadas para além deste binarismo redutor. Sua contribuição a este impasse é de inestimável importância: ele propõe, para solucioná-lo, a introdução do conceito de “espaço intersticial”. Tal conceito evita que as identidades se estabeleçam em polaridades primordiais. A passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta (BHABHA, 2001, p. 22).

Além disso, outros termos e conceitos são apresentados neste estudo, tais como identidade, memória coletiva, poder, religião e cultura, discutidos aqui com o auxílio dos estudos de Manuel Castells (1999). O autor aborda a forma como a identidade do sujeito é constituída, assim como os diversos fatores que influenciam tal constituição, assim, indivíduos com diferentes especificidades estariam conectados e, juntos, formariam a memória coletiva. Em relação à constituição da identidade, afirma o autor:

A elaboração de uma identidade empresta seus materiais da história, da geografia, da biologia, das estruturas de produção e reprodução, da memória coletiva e dos fantasmas pessoais dos aparelhos do poder das revelações religiosas e das categorias culturais. Mas os indivíduos, os grupos sociais, as sociedades transformam todos esses materiais e redefinem seu sentido em função de determinações sociais e de projetos culturais que se enraízam na sua estrutura social e no seu quadro do espaço-tempo (CASTELLS, 1999, p. 18).

Outro aspecto de grande importância para ser aqui destacado é a discussão acerca do candomblé, que é um dos aspectos da cultura negra. O estudioso Jacques Salah (2008) discute sobre o candomblé nagô na Bahia e, de acordo com os estudos do teórico, a Bahia ainda se mantém de maneira mais organizada em relação à religião. Apesar de muitos dos negros terem sido arrancados de suas terras de origem e serem obrigados a se submeter à hegemonia da cultura branca, eles buscaram alternativas para

não perderem aspectos da sua cultura. Um exemplo disso é a representação de seus orixás por meio de santos católicos, como uma forma de burlar as imposições postas.

A Bahia de Jorge Amado é, pois, sobretudo a Bahia religiosa, de uma religião misteriosa e única, confluência de inumeráveis tendências místicas que o povo soube conservar. Sua obra é de fato a afirmação e a valorização do povo negro e místico, e nesse sentido ela é revolucionária. Os dados habitualmente marginais – o povo negro e a religião africana – são invertidos e se tornam essenciais (SALAH, 2008, p. 111).

É nessa perspectiva que é discutido, nesta pesquisa, o sincretismo religioso valendo-se dos pressupostos de Nascimento (2017), quando aborda questões relacionadas ao tema, como um dos artifícios utilizados pelos negros para preservar este traço da sua cultura: a religião. No entanto, o sincretismo não foi o suficiente para eliminar todo o preconceito cultivado em torno da cultura negra, pois as religiões de matriz africana são ainda estigmatizadas e demonizadas.

Tido como um comportamento largamente estudado pela academia, a estratégia do sincretismo, que fundiu catolicismo e candomblé, estão presentes no enredo, ratificando identificação da comunidade negra. Aqui os adeptos da religião africana assumem uma representação na religião europeia, numa combinação proposital em função da persistência em não abandonar seu culto de origem [...]. Constata-se que a narrativa acaba por evidenciar a presença do sincretismo religioso que se configurou no Brasil como estratégia de permanência e resistência da religiosidade de matriz africana no país (NASCIMENTO, 2017, p. 123-124).

O conceito e o sentido tomados para o termo literatura negra, também são discutidos aqui e para estes foi utilizada a perspectiva de Zilá Bernd (1988), que revela que a literatura negra brasileira, também conhecida por literatura afro-brasileira, pode ser definida como sendo aquela onde emerge uma consciência negra, ou seja, onde um "eu" enunciador assume uma identidade negra, buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira e preocupando-se em protestar contra o racismo e o preconceito de que é vítima até hoje a comunidade negra brasileira.

Ao tratar especificamente as religiões de matriz africana e o sincretismo religioso na obra amadiana, o autor Volker Jaeckel (2016) discute e aborda a importância da atuação de Jorge Amado na literatura para a divulgação e valorização da identidade e cultura afro-brasileira. Para o autor, por meio da escrita amadiana é reforçada a originalidade do povo negro, pois, “[...] na visão sincrética de Jorge Amado, Catolicismo e

Religião, Língua e Literatura

Candomblé são perfeitamente conciliáveis na Bahia” (JAECKEL, 2016, p. 123). Além disso, Jaeckel (2016) afirma que,

Num momento, durante os anos 1980, no qual o Candomblé quis se afirmar como uma religião independente de identidade negra, Jorge Amado colocou o sincretismo como um fator de união e como característica importante do povo baiano e de todos os brasileiros. O profano, o religioso católico e a religião afro-brasileira caminham até hoje juntos e com bastante êxito, como podemos verificar (JAECKEL, 2016, p. 139).

É importante salientar que muitas obras de Jorge Amado possuem uma temática afro-brasileira em sua composição; o escritor aborda aspectos da cultura negra em seu texto literário e, por vezes, apresenta o negro como protagonista em suas histórias, pois ali o negro e a sua cultura ganham lugar de destaque. Ou seja, na obra amadiana, o marginalizado ganha voz, há um rompimento da hierarquização existente. O próprio Jorge Amado (1993) enfatiza isso:

Menino de quatorze anos comecei a trabalhar em jornal, a frequentar os terreiros, as feiras, os mercados, o cais dos saveiros, logo me alistei soldado na luta travada pelo povo dos candomblés contra a discriminação religiosa, a perseguição aos orixás, a violência desencadeada contra pais e mães-de-santo, iaôs, ekedes, ogans, babalaôs, obás [...] os lugares sagrados invadidos e destruídos, iyalorixás e babalorixás presos, espancados, humilhados [...] (AMADO, 1993, p. 71).

Nesse sentido, Jorge de Souza Araújo (2008) vem ratificar a ideia de que a obra de Jorge Amado é múltipla e heterogênea; para ele, a literatura amadiana é engajada, pois há uma luta de classes em função da democracia étnica e do hibridismo cultural, com os consequentes padrões de desdobramentos da miscigenação étnica e social e da tolerância política, religiosa e ideológica.

2. Diálogos entre o Candomblé e o Catolicismo em O Compadre de Ogum

Por meio da obra *O compadre de Ogum* (1995), o escritor baiano Jorge Amado colabora mais uma vez para o fortalecimento da cultura afro-brasileira, uma vez que põe em evidência personagens negros, podendo, desta maneira, conferir uma maior visibilidade ao grupo já mencionado anteriormente, pois, além de abordar aspectos que dialogam diretamente com sua cultura, ainda contribui para a preservação e defesa da identidade afro-brasileira.

A narrativa em análise gira em torno do batizado do menino Felício, filho de Benedita, que antes de morrer entrega a criança ao seu pai, o negro Massu, a quem é dada a responsabilidade pela criação do garoto; o pai, por sua vez, contará com o auxílio da velha Veveva; essa última pressiona Massu no intuito de agilizar os preparativos necessários para que o batizado do menino fosse realizado antes que ele completasse um ano de idade. Assim, com o andamento da narrativa, o dilema inicial pauta-se na escolha de quem será o padrinho da criança, uma vez que a madrinha já havia sido escolhida. O pai de Felício possuía muitos amigos e era querido por todos eles e alguns desses demonstravam interesse em ser o padrinho da criança, deixando, desta forma, Massu dividido para realizar sua escolha.

Através de tal enredo, o autor aborda também a construção identitária do povo brasileiro e chama a atenção para o fato de ser uma nação formada por diversas bases étnicas, resultando assim em uma população mestiça. Entretanto, vale apontar que o foco principal da narrativa é a identidade afro-brasileira, uma vez que, no cenário baiano, onde o enredo acontece, os costumes e as crenças de origem africana se apresentam de maneira mais evidente. Diante disto, é possível identificar os traços da mestiçagem no contexto baiano no seguinte fragmento: “[...] Olhos azulados qualquer menino pode ter, mesmo sendo o pai negro, pois é impossível separar e catalogar todos os sangues de uma criança nascida na Bahia. De repente, surge um loiro entre mulatos ou um negrinho entre brancos. Assim somos nós, Deus seja louvado!” (AMADO, 2009, p. 137). O trecho citado anteriormente refere-se a algumas características físicas de Felício e, por meio dele, torna-se possível refletir sobre os diferentes traços identitários existentes na Bahia, o que pode evidenciar também a presença da mestiçagem na construção de tais traços.

Outro fator a ser destacado é o caráter híbrido da obra em análise: através dela, o autor mostra a pluralidade religiosa e conseqüentemente cultural que constitui o território baiano, abordando tal pluralidade por meio do batizado de Felício. Dentre os mais diversos ritos religiosos existentes na Bahia, foram escolhidos dois para a realização do batizado da criança, expressos pelo Candomblé e Catolicismo. O que se nota a seguir:

— Se eu fosse tu, batizava o arrenegadozinho no padre, no espírita, nas igrejas de crente de todo jeito, tem uma porção, pra mais de vinte, tudo com batizado diferente. Pra cada batizado, tu escolhia um padrinho...

Solução talvez prática e radical, mas inaceitável. Que diabo iria o menino fazer pela vida afora com todas essas religiões, não ia ter tempo para nada,

Religião, Língua e Literatura

a correr de igreja para igreja. Bastava com o católico e o candomblé que, como todos sabem, se misturam e se entendem... Batizava no padre, amarrava o santo no terreiro. Para que mais? (AMADO, 2009, p. 148-149).

O fragmento citado retrata a sugestão dada por Pé-de-Vento, amigo de Massu, de batizar Felício em diversas igrejas e desta forma seria resolvido o impasse para a escolha do padrinho, pois a cada religião o menino teria um padrinho diferente. Reforça-se assim, por meio do texto literário, o hibridismo religioso presente na Bahia, ou seja, diferentes crenças em um mesmo local.

Vale ainda salientar a forma como a presença do sincretismo religioso se evidencia na obra amadiana, por retratar parte da história dessa migração forçada. Os negros, ao serem retirados de suas terras de origem e trazidos por meio de força física para o Brasil, foram submetidos a exaustivas e precárias jornadas de trabalho e obrigados a renunciarem a sua cultura e religião, ou seja, foram proibidos de expressar qualquer tipo de ritual religioso diferente do até então vigente, pois naquele momento o Cristianismo era a religião dominante e a única permitida.

Diante de tal cenário, os negros escravizados buscaram vias alternativas para manterem sua própria tradição e, por meio disso, surgiu o sincretismo religioso, com isso os orixás passaram a ser expressos por meio do nome de santos católicos. Na obra amadiana, é possível identificar a presença do sincretismo religioso em muitas passagens, a exemplo: “[...] Bastava com o católico e o candomblé que, como todos sabem, se misturam e se entendem... [...]” (AMADO, 2009, p. 148/149). “[...] Mesmo levando em conta as circunstâncias, o fato de pela primeira vez dirigir-se um orixá a uma igreja católica para batizar um menino, mesmo assim.” (AMADO, 2009, p. 177). Os fragmentos mostram o diálogo entre ambas as religiões, já que foram feitas as incorporações dos ritos católicos pelo Candomblé com o intuito da preservação da religião de matriz africana, sendo possível considerar tal sincretismo como uma maneira de resistência por meio dos negros para defesa de sua religião.

Além dos aspectos já mencionados anteriormente, *O compadre de Ogum* (1995) coloca o negro em um lugar de destaque no cenário brasileiro, conferindo-lhe protagonismo na obra, com o intuito de abordar a maneira como o negro é retirado do lugar de marginalidade e invisibilidade social em que é colocado por vezes, atribuindo-lhe características que, até então, eram pouco mencionadas. Isso se confirma em:

Explicação, como se vê, das mais razoáveis, só as más-línguas teimavam em não aceitá-la e viviam atribuindo pais ao garoto como se não lhe bastasse Massu, um pai e tanto, cidadão direito e respeitado, com ele ninguém tirava prosa, e doido pelo filho. Sem falar na avó, na negra velha Veveva com seu menino nos braços. A própria Tibéria, mulher de julgamento severo e definitivo, pronunciara sua sentença quando desistira de adotar a criança: ficava ela em boas mãos, não podia estar mais bem entregue, pai mais compenetrado, mais doce avó (AMADO, 2009, p. 137).

O excerto mencionado, anteriormente, retrata o comentário feito a respeito de Felício ser ou não filho de Massu. O autor do livro atribui características a Massu de um homem íntegro e pai exemplar e também à avó da criança, a negra Veveva, que é apresentada como uma mulher amorosa. Além das características já mencionadas, o autor, em outros momentos, também enaltece o negro e atribui a ele um lugar de protagonismo, o que pode romper com a lógica da dominação, segundo a qual somente o branco é visto de maneira positiva. No fragmento a seguir, é possível notar evidências de tal protagonismo:

[...] Nos quatro cantos da Bahia corria a notícia, levada de boca em boca, segredada de ouvido a ouvido: Ogum decidira ser padrinho do filho de Massu e da falecida Benedita, afastara todos os demais candidatos, e, tendo assim decidido, partira para só voltar no dia do batizado. O batizado seria daí a uma semana, no dia do primeiro aniversário do menino, na igreja do Rosário dos Negros, no Pelourinho, com dona Tibéria de madrinha. Estava ela a preparar o enxoval do menino, uma riqueza de linhos e cambraias, onde predominava o azul-escuro, a cor de Ogum, todas as meninas do castelo querendo colaborar pelo menos com um presente, o batizado começava a assumir proporções grandiosas. [...] E abalara inclusive respeitáveis e considerados intelectuais, todos eles importantes estudiosos dos cultos afro-brasileiros, cada um com sua teoria pessoal sobre os diversos aspectos do candomblé. Discordando muito uns dos outros, mas todos unânimes em considerar verdadeiro absurdo essa história de um orixá ser padrinho de batismo de uma criança. Citando autores ingleses, americanos, cubanos, até alemães, provavam não existir a categoria de compadre na hierarquia do candomblé, nem aqui nem na África [...] (AMADO, 2009, p. 156).

O trecho citado pode ser considerado também como uma maneira de enaltecimento dado ao personagem Massu, pois ele retrata o espanto das pessoas ao saberem que o padrinho de Felício já havia sido escolhido e Ogum, a quem foi dada a tarefa de realizar tal escolha, seria o próprio padrinho da criança. Tal decisão movimentou toda a cidade, pois fato semelhante nunca acontecera antes, desafiando, dessa forma, até mesmo os estudiosos do Candomblé que se organizavam para presenciar tal acontecimento e Massu, demonstrando contentamento, seria o protagonista de tal feito inédito. Além do destaque dado ao personagem Massu, é

Religião, Língua e Literatura

evidente algumas passagens que colocam também Felício e a negra Veveva no centro da narrativa. Tal evidência é possível ser notada a seguir:

No largo encontraram-se os dois cortejos, vindo o de Ogum da baixa do Sapateiro, chegando o de Veveva do Terreiro de Jesus. O do encantado, com mães e filhas de santo, babalaôs e ogãs, com três obás de Xangô, com o motorneiro, o condutor, choferes diversos, dois guardas-civis e um soldado do exército [...] É o cortejo do menino e da negra velha Veveva. Na frente uma carroça com a negra, a criança e Otália [...].

O encontro foi bem em frente à Escola de Capoeira de Angola e mestre Pastinha e Carybé ajudaram a negra velha Veveva a descer da carroça [...] (AMADO, 2009, p. 179).

A passagem citada retrata a recepção oferecida para Felício e Veveva no dia do batizado do menino; toda a cidade recebeu com cortejo os personagens citados, para a realização do grande evento que se tornou o batismo do filho de Massu. Isso mostra, mais uma vez, o protagonismo dado pelo autor aos negros em seu livro.

Na obra em análise, destaca-se ainda a forma de escrita de Jorge Amado, que enaltece a temática afro-brasileira, ao resgatar tradições culturais do negro e de sua religião. Ao Candomblé, na narrativa, também é conferido um lugar de destaque, desmistificando preconceitos referentes a tal religião. Vale ressaltar que todos os personagens têm ligação direta com a doutrina de matriz africana, o autor apresenta os ritos realizados pelos adeptos do Candomblé, o que pode ser considerado uma tentativa de romper com o preconceito sofrido por tais ritos, o que se confere em:

Não tardou Doninha, voltou andando com seu passo miúdo e apressado. Sentou-se, explicou a Massu as determinações de Ogum. Devia o negro trazer dois galos e cinco pombos além de uma travessa de acarajés e abarás para dar comida à sua cabeça. Responderia ele então sobre o padrinho. Na quinta-feira, daí a dois dias, após o crepúsculo. Doninha encarregou-se de mandar preparar os acarajés (AMADO, 2009, p. 151).

[...] Ogum desaparecera e não só de seu terreiro, do Axé da Meia Porta, mas de todos os terreiros de santo da Bahia, não descia em nenhum, criando o pânico entre suas filhas e seus ogãs pois não respondia a nenhum chamado, não vinha em busca da comida para ele preparada, nem dos animais sacrificados em sua honra. Batiam os atabaques, corria o sangue dos galos, pombos, patos, carneiros e cabritos, as iaôs dançavam na roda, as cantigas elevavam-se, os colares e búzios eram jogados pelos mais altos babalaôs e pelas ialorixás mais antigas e sábias [...] (AMADO, 2009, p. 155-156).

Assim, no primeiro trecho citado anteriormente, mãe Doninha, a quem Massu recorre na tentativa de encontrar ajuda na comunicação com Ogum, expõe as condições necessárias para que o rapaz obtivesse a

resposta desejada. Já no segundo, mostram-se as investidas de alguns terreiros, inclusive o de mãe Doninha, para que Ogum viesse. Os dois excertos citados anteriormente retratam ritos religiosos referentes ao Candomblé.

Ainda no que diz respeito ao protagonismo do Candomblé dentro da narrativa, por vezes, Amado também relata manifestações da doutrina ocorridas publicamente, reforçando a necessidade de colocar tais atos em evidência, pois, por um tempo considerável, qualquer tipo de manifestação de religiões de matriz africana era considerada como crime. Apesar de nos dias atuais tal criminalização ter sido vencida, ainda são comumente vistos resquícios dela configurados por meio da intolerância religiosa. Diante disto, o autor atribui à imagem de Ogum diversas características favoráveis, como nos excertos a seguir:

[...] Não aparecera na véspera porque fora à grande festa de Oxumaré no candomblé de Arminda de Euá, que festa, seu mano, mais bonita era impossível... O cabo, em sua vida inteira de macumba, nunca vira descer tanto santo de uma só vez, só Ogum vieram sete e cada qual mais esporreteado...Parou negro Massu sua caminhada: era filho de Ogum e também seu ogã. Martim contava da festa, da dança e das cantigas. Massu, apesar do balaio na cabeça, em equilíbrio instável, cheio de coisas de quebrar, ensaiou uns passos de dança. Martim quebrou também o corpo e puxou uma cantiga do orixá dos metais.

— Ogum é ê! — salvou Massu (AMADO, 2009, p. 146).

Seu Ogum vinha poucas vezes, levava meses sem manifestar-se, apenas reclamava uma obrigação de quando em quando, comida para sua cabeça. Mas, em compensação, quando descia era esporreteado de todo, alegre, cheio de conversas, de natural muito amiguelo, a saudar e a abraçar os conhecidos, seus ogãs e as figuras do candomblé, cheio de risadas, de descaídas de corpo, dançando como gente grande, enfim, era um Ogum de primeira, de arromba, não era um santo qualquer, era uma beleza de santo e quando ele descia todo o terreiro o saudava com entusiasmo [...] (AMADO, 2009, p. 155-156).

É possível notar, por meio dos trechos acima, a presença de manifestações do Candomblé em meios públicos. Vale salientar ainda que, apesar de terem sido citados somente dois fragmentos, a todo momento, na narrativa, os atos religiosos referentes ao Candomblé eram realizados de forma pública e sem qualquer tipo de preconceito por parte dos personagens principais.

Sendo assim, a produção literária amadiana, de cunho afro-brasileiro, além de conferir uma maior visibilidade ao negro, ainda

Religião, Língua e Literatura

contribui para a construção identitária do indivíduo, ao mostrar a diversidade étnica presente no território brasileiro, com maior ênfase no contexto baiano, fazendo isso por intermédio do hibridismo religioso ao mostrar a pluralidade de doutrinas existentes na Bahia. O autor ressalta a resistência do negro para manter sua cultura, expressando o processo de luta por meio do sincretismo religioso, característica que aparece por diversas vezes do decorrer na narrativa. Posto isto, destaca-se a presença do Candomblé marcando todo o enredo, sendo colocado em um lugar de protagonismo, desmistificando preconceitos enraizados pela lógica da dominação, quando somente o Cristianismo era aceito e visto com bons olhos.

Por fim, sublinha-se o poder do texto literário, pois, por meio dele, grupos socialmente silenciados podem ser vistos e ouvidos, além de trazer à tona assuntos que são passíveis de discussões e análises, pois a hegemonia do homem branco ainda se faz presente na atualidade no contexto brasileiro. Apesar de ser o Brasil um país laico, pois nele, todas as religiões possuem liberdade para expressar suas crenças, ainda assim o Cristianismo, por vezes, se põe como dominador. E Amado traz para o centro a temática afro-brasileira como uma via alternativa no intuito de defender e preservar a cultura negra.

3. Considerações Finais

Apesar de a obra amadiana ser um elemento de presença marcante na crítica literária universal, a cada novo estudo, é possível buscar diferentes perspectivas, assim como foi realizado neste estudo acerca do sincretismo em *O compadre de Ogum*. Tal afirmativa se deve ao fato de este trabalho, apesar de não esgotar as possibilidades do tema, ter buscado não apenas aspectos religiosos, obviamente presentes desde o título, mas discutir, inclusive, uma certa intencionalidade do autor em trazer à tona e provocar a reflexão sobre a importância da participação da identidade negra na constituição da cultura brasileira.

A análise aqui apresentada teve como *corpus* de pesquisa a obra intitulada “O compadre de Ogum”, relato presente em *Os pastores da noite*, posteriormente republicado em edição individual e adaptado para o audiovisual. O estudo teve como foco a questão do sincretismo religioso presente na obra, que se realizou com a união do candomblé, africano, com o catolicismo, europeu.

As evidências do sincretismo religioso entre o candomblé e o catolicismo na obra em estudo e os traços da identidade afro-brasileira retratados na obra puderam ser avaliados neste trabalho, que identificou o o tema abordado no texto literário como uma forma de preservação da cultura negra. Salienta-se que as reflexões aqui presentes foram fundamentadas em aspectos teóricos e abordagens críticas que contribuíram para a identificação e análise dos resultados encontrados.

Pode-se contratar, com o estudo realizado, que, por meio da estratégia de criação de Amado, a questão é colocada de maneira pacífica, apesar da forma bélica com que as duas religiões foram aproximadas no Brasil. Também pode-se constatar que a obra aborda a mestiçagem como forma de salientar aspectos que vão além dos elementos culturais e religiosos e atingem características étnicas. Outro fator que a pesquisa trouxe à tona foi a posição de resistência que pode ser identificada na constituição sócio-cultural do texto, claramente inserida por Amado em sua enunciação, ao produzir a obra literária, e nela colocar o sincretismo como solução para os entraves entre as duas culturas.

Ainda foi possível perceber que a abordagem textual amadiana buscou questionar o protagonismo branco, amplamente registrado na literatura mundial, colocando em destaque e valorizados personagens negros.

Por fim, espera-se que esta pesquisa possa trazer contribuições como modelo teórico-metodológico para pesquisadores da área de Letras e áreas afins, principalmente com interesse em estudos literários, que pretendam empreender uma abordagem análoga a esta em outras obras amadianas. A pesquisa também pretende colaborar para a divulgação da literatura como elemento impulsionador da formação do sujeito crítico, visto que a obra examinada permitiu não só perceber aspectos artísticos do fazer literário amadiano, mas também a discussão social que o enredo permite desenvolver.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Os pastores da noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *Os pastores da noite*. 24. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1964.

Religião, Língua e Literatura

_____. *Navegação de cabotagem*: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Floração de imaginários*: o romance baiano no século 20. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2008.

BERND, Zilé. *Introdução à literatura Negra*. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1988.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

CASTELLS, Manuel. A era da informação. In: *Economia, sociedade e cultura*. v. 2. O poder da identidade. Trad.: Klauss B. Gerhardt. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.

JAECKEL, Volker. A presença de elementos sincréticos e condomblecistas em três obras de Jorge Amado: Jubiabá, Tenda dos milagres, o sumiço da Santa. *Lusorama*, v. 107-108, p. 123-143, 2016.

NASCIMENTO, Aline Santos de Brito. *Tradição, tradução, hibridismo e resistência da identidade afro-brasileira na literatura amadiana*. Disponível em:

http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/9182/1/tese_11387_Tese%20Aline%20-%20Hibridismo%20e%20resist%C3%Aancia%20da%20identidade%20afro-brasileira%20na%20literatura%20amadiana%20-%20pdf.pdf.

Acesso em: 13 abr. 2020.

SALAH, Jacques. *A Bahia de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2008.